

Ubuntu: Contextos familiares quilombolas, cuidar do outro para cuidar do mundo

*Ana Cristina de Jesus Santana*¹

*Elaine Pedreira Rabinovich*²

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar as características familiares e a percepção de cuidado familiar na comunidade quilombola denominada Ocrídio Pereira dos Santos objetivando conhecer esta comunidade de remanescentes quilombolas do vale do Jequiriçá, no Sudoeste Bahiano, na cidade de Jaguaquara, interior da Bahia. Desejamos, em uma visita ao campo, aproximarmos-nos de eventuais problemas relatados, medos e sonhos, bem como o cuidado em família e os desafios enfrentados por jovens adultos. Esta viagem incursionada pelas autoras ora provocou o encontro com a possibilidade de compreensão dos desafios enfrentados pela comunidade, ora a busca pelo conhecimento dos seus valores. Para tal, utilizamos da metodologia autoetnográfica em uma imersão na comunidade durante a qual realizamos uma entrevista aberta com uma moradora do quilombo. Conclui-se da importância do autocuidado na promoção do coletivo.

Palavras-chave: Contextos Familiares. Jovem adulto Quilombola. Autocuidado.

1 INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas no Brasil são um reflexo da resistência e da luta pela preservação de uma identidade cultural e social diante da opressão histórica. Esses grupos, formados por descendentes de africanos escravizados, preservaram e adaptaram práticas culturais e modos de vida ao longo dos séculos, enfrentando desafios que variam desde a marginalização econômica até a exclusão social (Freitas, 2008).

O presente estudo foca na comunidade quilombola Ocrídio Pereira dos Santos localizada no município de Jaguaquara/Bahia, cidade reconhecida pela economia estruturada em hortifrutigrangeiros. Jaguaquara tem a sua história inaugurada a partir da chegada de portugueses, italianos e japoneses (Rosa, 2016 p.47, p.193).

¹ Psicóloga pela UNIFACS, com Especialização Clínica pelo CFP; Graduada em direito pela UCSAL; Mestra e doutoranda pela Universidade Católica do Salvador (anacristina.santos@ucsal.edu.br)

² Psicóloga pela Universidade de São Paulo, com especialização em psicoterapia infantil e adolescente; Mestra, doutora e pós-doutora pela USP; Professora adjunta do Programa de Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da UCSAL (elaine.rabinovich@pro.ucsal.br)

REVISTA VERITATI

Embora muito pouco seja falado sobre os povos de descendência africana no município, estes demarcam a história da cidade com a sua cultura, oralidade e memória (Eugênio et al., 2020).

Para alguns autores, a memória se mostra como um dos elementos importantes para a reconstrução de uma identidade cultural. É através da memória que o indivíduo revisita a sua história e se projeta para o futuro ressignificando a sua forma de se colocar no mundo. Na cultura afrodescendente, esta memória por vezes se mostrou de forma remanescente em razão de um passado doloroso em que se busca em alguns contextos o esquecimento. Noutra ordem, por carregar como característica a oralidade era desta forma que ocorria a transmissão dos valores, culturas, tradições preservando desta forma a memória coletiva (Ricoeur, 2004).

Para Paul Ricoeur (2007), as memórias e histórias são responsáveis, assim como o esquecimento, como base da construção histórica. Ricoeur afirma que memória é construção diferenciando de lembrança. “A memória, nesse sentido particular, é caracterizada inicialmente como afecção (*pathos*), o que a distingue precisamente da recordação” (Ricoeur, 2007, p. 35). Desse modo, ao contrário do que possa parecer, olhar para a história não é olhar para o passado: é construir um futuro através da prática no presente.

Os estudos direcionados à cultura afro-brasileira utilizam como lastro a fundamentação voltada ao resgate de uma memória que se objetivou esquecer resgatando o que foi omitido dos livros e transmitidos através de experiências vivenciadas. É possível que, por meio de experiências individuais, seja possível tornar visível a experiência coletiva (Nascimento, 2018; Dealdina, 2020).

Nesta direção, utilizamos a palavra Ubuntu no título desse trabalho. Essa palavra é originária dos idiomas zulu e xhosa de países do Sul da África, carregando o significado de "a humanidade para todos" ou seja, eu só posso ser pessoa através das outras pessoas. Desse modo, esta palavra está intimamente ligada à relação de interdependência entre as pessoas da comunidade (Tutu, 2000, p.31).

Assim, neste estudo, o objetivo geral é buscar promover a reflexão sobre identidade cultural e o contexto familiar através da narrativa de uma jovem adulta quilombola, do interior da Bahia. Tem, por objetivo específico, compreender a importância do cuidado dentro dos contextos familiares na comunidade. O percurso

REVISTA VERITATI

do pensamento seguirá a metodologia autoetnográfica (Ellis, 2004) em uma imersão na comunidade durante a qual foi realizada uma entrevista livre com uma moradora do quilombo.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL

As comunidades quilombolas são herdeiras de uma tradição de resistência iniciada durante o período colonial, quando africanos escravizados fugiam para formar comunidades independentes em áreas remotas. Esses quilombos serviram como refúgio e espaço de resistência à escravidão e, posteriormente, ao racismo e à marginalização institucionalizada no Brasil. Embora os quilombos mais conhecidos, como Palmares (Gomes, 2019), tenham recebido destaque na história, inúmeras outras comunidades menores desempenharam papéis semelhantes na luta pela liberdade e dignidade. Os quilombos representam um espaço de resistência e de luta dos afrodescendentes no Brasil, que buscam preservar sua cultura e identidade.

As comunidades quilombolas no Brasil são formadas por grupos que descendem de escravizados e que, em busca de liberdade, estabeleceram modos de vida autônomos em áreas remotas. Essas comunidades, frequentemente localizadas em regiões rurais, possuem uma rica cultura que mescla tradições africanas e adaptações ao contexto brasileiro. A luta por reconhecimento, direitos e políticas públicas tem sido uma constante na trajetória quilombola. Estas comunidades são formadas por grupos afrodescendentes que lutaram por liberdade e que ainda hoje preservam seus modos de vida e tradições (Nascimento, 2003).

Neste contexto, a historiadora Beatriz Nascimento (2018), segue afirmando que, o quilombo, em razão da opressão enfrentada historicamente, carrega características de organização social do continente africano, com características de resistência e luta.

Numerosas foram as formas de resistência que o negro manteve ou incorporou na luta árdua pela manutenção da sua identidade pessoal e histórica. No Brasil, podemos citar uma lista destes movimentos que no âmbito social e político é objetivo do nosso estudo. Trata-se do Quilombo (Kilombo), que representou na história do nosso povo um marco na sua capacidade de resistência e organização. Todas estas formas de resistência podem ser compreendidas como a história do negro no Brasil. (Nascimento, 2018, p.117).

REVISTA VERITATI

2.1 RECONHECIMENTO LEGAL E DIREITOS TERRITORIAIS

O reconhecimento legal das comunidades quilombolas no Brasil avançou a partir da Constituição Federal de 1988, que assegurou o direito à posse das terras que tradicionalmente ocupavam. No entanto, a implementação desses direitos tem sido lenta e cheia de desafios, incluindo a resistência de setores econômicos e a falta de vontade política. A demarcação e titulação das terras quilombolas são essenciais não só para a preservação cultural, mas também para a garantia de condições de vida dignas para essas comunidades. Tanto o reconhecimento dos territórios quilombolas quanto o fortalecimento dos núcleos familiares são fundamentais no processo de promoção da justiça social no Brasil (Santos, 2005).

Apesar dos avanços legais, as comunidades quilombolas continuam a enfrentar sérios desafios sociais e econômicos. Muitas dessas comunidades estão situadas em áreas remotas, com acesso limitado a serviços básicos como saúde, educação e saneamento. A precariedade econômica também é uma realidade, com muitas famílias vivendo em situação de pobreza. Além disso, a discriminação racial e a falta de políticas públicas efetivas agravam ainda mais a vulnerabilidade dessas populações.

2.2 O PERCURSO DA PESQUISA

A construção do percurso da pesquisa teve o seu prenúncio através do encontro com a Irmã Luiza Gonzaga que nos acompanhou até a comunidade quilombola numa tarde chuvosa de junho. Lá estando, fomos apresentadas a Josiane Brandão, presidente da associação de moradores da comunidade quilombola Ocrídio Pereira dos Santos que nos recebeu em sua casa, ofertando café e água. Seguiu-se a entrevista aberta conduzida pelo real interesse da pesquisadora em conhecer a história que se reverberava. Após esse encontro, a entrevistada teve a intenção de nos acompanhar rua afora, tornando-se tal praticamente impossível em razão da lama que se derramava ao chão. Levou-nos a uma segunda casa da presidente anterior da associação, a bisneta do Sr. Ocrídio Pereira dos Santos. Esta nos apresentou seu marido e alguns familiares.

REVISTA VERITATI

A autoetnografia é uma abordagem metodológica que combina aspectos da etnografia tradicional com a narrativa autobiográfica, permitindo à pesquisadora explorar questões culturais a partir de uma perspectiva pessoal. Diferente da etnografia convencional, onde o foco é observar e analisar outras culturas, a autoetnografia coloca o pesquisador como o principal sujeito de estudo, investigando suas próprias experiências, sentimentos e práticas culturais (Anderson, 2006, p. 384).

Para Ingold (2019, p. 12), em pesquisa de campo, estudamos com as pessoas, ao invés de fazer estudos sobre elas, o que esse autor denomina observação participante. Para ele, "no campo, é preciso esperar para que as coisas aconteçam, e aceitar o que é oferecido quando lhe é oferecido" (Ingold, 2019, p. 12).

A pesquisa por nós realizada se insere no que identifica Ingold como pesquisa de campo, embora nós nos identifiquemos com a orientação da autoetnografia devido ao nosso envolvimento pessoal na análise dos dados decorrentes de nossa experiência no campo. Desse modo, nossa experiência no campo, e nossa vida anterior a ele, faz parte da pesquisa. Nas palavras de Ellis (2004), lançamos continuamente a lente para dentro e para fora de nós, na procura de compreender, mais do que explicar e mesmo conhecer.

2.3 A COMUNIDADE OCRÍDIO PEREIRA DOS SANTOS

Apesar de pouca menção, a história de Jaguaquara também é contada através das vozes negras. Neste município, está situada a comunidade quilombola Ocrídio Pereira dos Santos que é uma das várias comunidades quilombolas localizadas no estado da Bahia, uma região marcada por sua rica história de imigrantes.

Segundo o IBGE (2022), a Bahia apresenta o maior número de quilombolas registrado no último censo. A Comunidade Ocrídio Pereira dos Santos teve a sua história de busca por reconhecimento iniciada em 2009, sendo que, muito dessa história foi construída com base em relatos dos moradores, em especial a Sra. Anália de Jesus, bisneta de Ocrídio Pereira dos Santos o qual deu nome a comunidade, localizada no perímetro periférico entre a zona urbana e rural (Eugênio et al., 2020).

Nas palavras de Arruti (2006), olhar para a comunidade de Remanescentes Quilombolas

REVISTA VERITATI

[...] como o percurso sinuoso, marcado por continuidades e descontinuidades, empregando termos específicos ao longo do percurso (processo, sinuoso, descontínuo, jogos de fuga e captura etc.) que longe de naturalizar o contexto ou atribuir rigidez à identidade no Mocambo, a etnografia tem um "caráter nômade", visando compreender o grupo "por meio dos fluxos que o atravessam e que o ligam a agentes e fenômenos distribuídos por diferentes locais, escalas e tempos (Arruti, 2006, p. 35).

Fundada por descendentes de africanos escravizados, a comunidade preserva tradições culturais e práticas sociais que remontam às origens de seus ancestrais, à exemplo do samba de roda, práticas das benzendeiras, as religiões de matrizes africanas, utilização das ervas para bem estar e preservação da saúde. Ao longo dos anos, a comunidade desenvolveu uma estrutura social coesa, baseada na cooperação e no apoio mútuo, elementos essenciais para sua sobrevivência em um ambiente muitas vezes hostil (Eugênio et al., 2020).

A realidade socioeconômica da comunidade reflete muitos dos desafios enfrentados pelas comunidades quilombolas em todo o Brasil. Com acesso limitado a recursos econômicos, muitos membros da comunidade dependem da agricultura de subsistência e de atividades informais para seu sustento. A falta de investimentos públicos em infraestrutura e serviços básicos como educação, saúde e saneamento básico continua a ser um obstáculo significativo para o desenvolvimento da comunidade que durante muitos anos viveu em completa invisibilidade. Em maio de 2013, a Comunidade foi reconhecida e certificada pela Fundação Quilombo dos Palmares (Eugênio et al., 2020).

3 A ORALIDADE DANDO VIDA A HISTÓRIA ATRAVÉS DA LIDER COMUNITÁRIA

Adentrar as comunidades quilombolas por si só já se mostra um intento desafiador, alguns deles assim questionam: “você vem pela mão de quem?”. No meu caso, adentrava a comunidade pela mão da Irmã Luiza Gonzaga que muito fez, segundo relatos dos quilombolas, por eles.

A comunidade Oclídio Pereira dos Santos, como muitas outras comunidades quilombolas, possui uma estrutura organizacional baseada na liderança coletiva e no respeito às tradições ancestrais. Essa organização tem sido fundamental para enfrentar desafios como a luta pela titulação de suas terras e a implementação de

REVISTA VERITATI

projetos comunitários que visam melhorar a qualidade de vida dos seus membros. A liderança comunitária desempenha um papel crucial na mobilização dos recursos internos e na articulação com parceiros externos para a promoção do bem-estar coletivo.

Entramos na comunidade caminhando – “a pé” - e de imediato nos chamou a atenção a total ausência de calçamento e rede de esgoto representando o risco de queda e dificultando a chegada ao ponto final. As casas ali divergem entre si desconstruindo a ideia pré-concebida do que poderia ser um quilombo. Em muitos momentos se prenunciam as casas de ‘pau a pique’ emolduradas por madeiras roliças e finas descascadas pelo tempo e adornadas pela lama endurecida. Noutro momento, pequenas casas coloridas e recém reformadas emergem.

Ao chegarmos na casa de Josiane Brandão, presidente da associação quilombola, algo nos chamou a atenção: apesar de ser o Bairro da Casca, um bairro periférico e um dos mais violentos do município, a chave da casa estava do lado de fora da porta. Nós, atentas ao costume local, nos apresentamos com palmas e um grito “Ô de casa”!? E recebidos por um caloroso “Pode entrar”.

Josiane inicia com uma autodeclaração de ser ela uma mulher preta, com muito orgulho e entende isto como uma forma de resistência. Acrescenta que a comunidade é formada por aproximadamente 68 famílias associadas e que hoje o sustento vem através do trabalho de ganho apanhando café, fazendo diária na Ceasa ou nas casas de família e diária em pastos, pois pouca terra restou para o plantio.

Lamenta pelo enfraquecimento da cultura das suas raízes apesar da persistência de alguns, acrescenta que até tem o grupo de dança, mas que está parado, que não tem mais parteiras por conta da maternidade e que há um certo preconceito em relação à religião de matriz africana, acreditando que acontece por conta da quantidade de evangélicos.

Questionamos por qual motivo o grupo de dança parou e ela traz o relato de que o grupo dançava dança africana e que ocorrera muita discriminação dentro da própria comunidade por entenderem existir correlação com “macumba”. Acrescenta que existem muitos jovens na comunidade, aproximadamente uns 38, sendo ela um deles com 26 anos.

REVISTA VERITATI

Podemos observar através dos relatos que muitos jovens não têm oportunidade para seguir seus estudos deslocando-se para Goiânia para desenvolver o trabalho braçal. Josiane Brandão segue sendo uma das primeiras a cursar o nível superior.

3.1 A PESQUISADORA, A CHAVE E A PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA

O trabalho de campo é um convite à busca por novos olhares sem a intermediação de um olhar anterior, mesmo que seja o nosso próprio. É, por certo, para além da colheita investigativa uma nova forma de encantamento e descobertas. E assim cá estamos, buscando novos caminhos que possam embasar uma pesquisa sobre contextos familiares de jovens adultos quilombolas, visitando comunidades rurais, convivendo com antigas histórias e vivenciando outras tantas.

O acesso inicial à comunidade foi difícil pelas chuvas proeminentes no decorrer do mês de junho que se convertiam em muita lama já que não havia ali nenhum calçamento. Jaguaquara é a minha cidade natal, aqui o frio e as chuvas se exacerbam entre os meses de junho até o final de agosto e em maio o frio já se apresenta.

Percebemos uma diferença significativa na travessia deste período entre os outros bairros e este aqui, denominado Bairro da Casca. Por aqui passavam os tocadores de gado que, na hora da fome, devoravam bananas e deixavam as cascas no chão, dando origem ao nome do bairro. Por aqui, outrora, também passava a linha de trem, havia agricultura farta, rios, pesca e criação de gado. Agora, reconhecendo a comunidade e reaprendendo a viver na zona rural, todas estas memórias retornam.

Como companhia, caminhamos de mãos dadas com o diário de campo, com anotações curiosas e capazes de trazer à memória cheiros, sons, pensamentos e emoções. Aquele momento em que nos deparamos com a chave na porta o lado racional se sobressai, um lugar violento e a chave na porta; as emoções sugerem, um convite para entrar. Contudo, enquanto pesquisadora emerge o questionamento: Você esqueceu a chave na porta? “Ah! Eu sempre deixo assim, às vezes tiro à noite. Aqui é muito seguro, é tudo uma família só e um cuida do outro” (Josiane Brandão)

Observa-se nos quilombos várias famílias nucleares extensivas compostas por pai, mãe, filhos, avós e tios vivendo em um mesmo espaço e em outros casos famílias que moram em casas próximas umas das outras.

REVISTA VERITATI

A família negra brasileira contemporânea não apresenta características específicas que a distingam das famílias brancas, segundo os diferentes extratos sociais. Entretanto, em passado não muito remoto e sobretudo nos núcleos negros rurais e litorâneos, destacava-se, e encontramos ainda, a família matrifocal extensa. (Prado, 1985, p.85)

Segundo Arruti (2008) "As famílias quilombolas representam a continuidade de um legado de resistência e luta pela preservação da cultura afro-brasileira, sendo fundamentais para a construção de identidades comunitárias."

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, proposta por Urie Bronfenbrenner, defende que o desenvolvimento humano ocorre contemplando diversos contextos. A capacidade humana e sua evolução depende diretamente do contexto sociocultural e os vínculos podem afetar o desenvolvimento de forma direta ou indireta (Bronfenbrenner, 1996).

Diante do acima exposto, considerar que a dinâmica do desenvolvimento envolve olhar o indivíduo que nasce em uma comunidade quilombola, acreditando que todos são família e que cuidam um do outro, fortalecerá a premissa de que "a estrutura familiar nas comunidades quilombolas é caracterizada por laços de solidariedade e cooperação, fundamentais para a sobrevivência cultural e social desses grupos" (Arruti, 2016, p.245), ampliando a dinâmica indivíduo e contexto.

Olhando para a dinâmica de fusão indivíduo contexto, observamos que ir a campo não é sinônimo de deslocamento físico apenas, mas um contínuo convite para mudar o ponto de vista em relação ao outro e a si mesmo. É se afastar do nosso mundo para poder ampliá-lo. No encontro do indivíduo com o meio uma nova visão sobre o contexto se mostra: a família quilombola se torna o núcleo central de resistência em meio a lutas e busca por autonomia (Castro, 1998).

3.2 AUTOCUIDADO COLETIVO E COESÃO COMUNITÁRIA

O autocuidado coletivo reconhece que a saúde individual é inseparável do bem-estar comunitário envolvendo práticas que fortaleçam os laços sociais e promovam o suporte mútuo, tendo a sua origem na área da assistência à saúde e à justiça social (Chamberlain, 2020).

Na década de setenta, o autocuidado sai da área da saúde e justiça social voltando-se para os movimentos ativistas à exemplo do partido Panteras Negras que

REVISTA VERITATI

começou a olhar para o autocuidado como uma forma dos negros se preservarem em razão do racismo ostensivo nos Estados Unidos. Dentro deste contexto, as mulheres negras que atribuíram uma nova conceituação para o autocuidado através do discurso público (Lorde, 1984).

No nível coletivo, o autocuidado é expresso através de práticas comunitárias que promovem a solidariedade e o apoio mútuo. A comunidade de Ocrídio Pereira dos Santos, por exemplo, valoriza a partilha de recursos – quando a prefeitura doou 20 casas no último mês, estas foram partilhadas democraticamente - e o trabalho comunitário como formas de garantir que todos os membros tenham suas necessidades básicas atendidas. A organização de mutirões para construção de infraestruturas básicas, como poços e sistemas de irrigação, é uma expressão clara de como o autocuidado coletivo pode ser uma ferramenta poderosa para a melhoria da qualidade de vida.

Apesar da importância do autocuidado, as comunidades quilombolas enfrentam desafios significativos que dificultam a implementação dessas práticas. A precariedade do acesso a serviços básicos, a pressão constante pela titulação das terras e o impacto de políticas públicas insuficientes são alguns dos obstáculos que comprometem a capacidade das comunidades de praticar o autocuidado de forma eficaz. Na comunidade Quilombola Ocrídio Pereira, a escassez de recursos materiais e a falta de apoio institucional são barreiras significativas que precisam ser superadas para que o autocuidado individual e coletivo possa florescer.

Uma estratégia essencial para a promoção do autocuidado em comunidades como Ocrídio Pereira é o fortalecimento da identidade cultural. A valorização das tradições e práticas ancestrais não só reforça a autoestima dos membros da comunidade, mas também serve como um meio de resistência contra a marginalização social. Programas de educação e atividades culturais que promovam o conhecimento e a prática das tradições quilombolas são fundamentais para este processo.

Outro aspecto crucial é a educação voltada para a saúde comunitária. A implementação de programas de saúde que respeitem e integrem os conhecimentos tradicionais com práticas de saúde modernas pode ter um impacto significativo no bem-estar da comunidade. Oficinas e treinamentos que abordem temas como

REVISTA VERITATI

nutrição, uso de plantas medicinais e cuidados preventivos são maneiras eficazes de promover o autocuidado.

O estabelecimento de parcerias com organizações não governamentais, universidades e órgãos governamentais pode oferecer o suporte necessário para a implementação de projetos de autocuidado em larga escala. Em Ocrídio Pereira, a criação de redes de apoio que conectem a comunidade a recursos externos pode ajudar a superar os desafios materiais e institucionais que atualmente limitam o alcance das práticas de autocuidado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contextualização das comunidades quilombolas no Brasil, com foco na comunidade de Ocrídio Pereira dos Santos no Município de Jaguaquara/Bahia, revela a importância do autocuidado na promoção do coletivo. Especialmente ao lançarmos o olhar sobre os contextos familiares, depreendemos que entre a convivência familiar e comunitária há um emaranhamento que atribui fundamento à resistência e identidade negra. Em um ambiente marcado por desafios históricos e sociais, o autocuidado coletivo, é fundamental para a melhoria da qualidade de vida e para a preservação da identidade cultural dessas comunidades.

Acrescenta-se ainda, que esta pesquisa se mostra atual e válida para quaisquer eventuais estudos de cenários envolvendo etnografia, contextos familiares e a psicologia social de forma ampla. O referido experimento norteou a situação experiencial autoetnográfica, podendo ser reproduzido em outras circunstâncias para estudos futuros.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia motivo pelo qual, manifesta profundo agradecimento. Agradecemos, igualmente, aos membros da Comunidade Ocrídio Pereira dos Santos e à irmã Luiza Gonzaga de Souza pela possibilidade da realização dessa pesquisa.

REVISTA VERITATI**REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Alfredo W. B. Quilombos: sematologia face a novas identidades. In: SMDDH, C. C. N. (org.). *Frechal: terra de preto: quilombo reconhecido como reserva extrativista*. São Luís, 1996. p. 11–19.

_____. Os quilombos e as novas etnias. In: O'DWYER, Eliana C. (org.). *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 83–108.

ANDERSON, Leon. Analytic autoethnography. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 35, p. 373–395, 2006.

ARRUTI, José Maurício. *Fazendo a diferença: política e sociabilidade em quilombos*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

_____. *Identidade, território e resistência: as comunidades quilombolas no Brasil*. Brasília: Editora ABPN, 2013.

_____. *Mocambo: história e antropologia do processo de formação quilombola*. Bauru; São Paulo: EDUSC; ANPOCS, 2006.

_____. Quilombos. In: PINHO, Osmundo (org.). *Raça: perspectivas antropológicas*. Campinas: Ed. Unicamp; Salvador: EDUFBA; ABA, 2008.

_____. *Quilombos: entre a luta e a memória*. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

BARBOSA, J. D. S.; SAMPAIO, S. M. R. Família matrifocal: a experiência das crianças. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2017000100012. Acesso em: 26 ago. 2024.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1988.

BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artmed, 1996. (Trabalho original publicado em 1979).

_____. *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed, 2011. (Obra original publicada em 2005).

CALDEIRA, T. P. R. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. *Revista Novos Estudos*, São Paulo, n. 21, p. 133–157, 1988.

REVISTA VERITATI

CARVALHO, A. M. A.; MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P. Olhares de crianças sobre a família: um enfoque quantitativo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 26, n. 3, p. 417–426, 2010. DOI: <10.1590/S0102-37722010000300004>.

CASTRO, E. V. *A invenção do cotidiano*. São Paulo: Editora 34, 1998.

CHAMBERLAIN, Lisa. Do autocuidado ao cuidado coletivo. *Sur – Revista Internacional de Direitos Humanos*, v. 17, n. 30, p. 223–234, 2020. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2020/08/sur-30-portugues-lisa-chamberlain.pdf>. Acesso em: [inserir data].

DEALDINA, Selma dos Santos (org.). *Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas*. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.

ELLIS, C. *The ethnographic I: a methodological novel about autoethnography*. New York: Altamira Press, 2004.

EUGÊNIO, B. et al. Memórias e histórias da comunidade Quilombola Orquídeo Pereira. *Revista Odeere*, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/6613>. Acesso em: 26 ago. 2024.

FREITAS, Jorge. *Quilombos: a resistência negra no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional Censo Demográfico Quilombolas*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

INGOLD, T. *Antropologia: para que serve*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. Trad. B. S. C. Filgueiras.

LORDE, Audre. *A burst of light*. Ithaca: Firebrand Books, 1984.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2014.

NASCIMENTO, Abdias do. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2003.

NASCIMENTO, Beatriz. *Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição*. Rio de Janeiro: Editora Autêntica, 2018.

PRADO, D. *O que é família?*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).

RABINOVICH, E. P. O Carmo: aspectos psico-sócio-históricos do desenvolvimento de crianças brasileiras afrodescendentes. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 13, n. 1, p. 79–93, 2003a.

_____. O Quilombo do Carmo: cultura de resistência ou reprodução da relação senhor/escravo? In: *29º Congresso Interamericano de Psicologia*. Lima: SIP, 2003b.

REVISTA VERITATI

_____. Quilombo do Carmo: uma história atrás da história. In: *VI Congreso Internacional de Psicología Social de la Liberación*. Livro de Resumos. Campinas: PUC-Campinas, 2003d. p. 58.

RICOEUR, Paul. *Memory, history, forgetting*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

ROSA, A. *História de Jaguaquara e suas paisagens humanas*. 1. ed. Jequié: JM Gráfica e Editora, 2016.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, v. 24, n. 1, p. 214–241, 2017.

TUTU, D. *No future without forgiveness*. New York: Image Books, 2000.

VANSINA, Jan. *Oral tradition as history*. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.